

A Pedagogia do Teatro em Processos Colaborativos: O caso do Grupo XIX de Teatro.

Vicente Concilio

Doutorando em Pedagogia do Teatro pela ECA/USP, orientação de Ingrid D. Koudela

Mestre em Artes Cênicas pela ECA/USP

Professor do Departamento de Artes Cênicas da UDESC

Resumo: A reflexão sobre a pedagogia do teatro na contemporaneidade não pode deixar de analisar a relação estabelecida por coletivos teatrais, sobretudo aqueles vinculados ao modo de criação colaborativo, e as possibilidades artístico-pedagógicas oriundas de seus processos de composição cênica. A presente comunicação pretende, portanto, estabelecer vínculos entre o projeto artístico do Grupo XIX e as citadas oficinas, analisando os resultados e as intenções de cada processo, com o intuito de aprofundar o campo da pedagogia do teatro, entendida aqui como a área epistemológica que estuda a natureza pedagógica intrínseca à pesquisa da linguagem cênica e à formação do artista durante seu processo de criação. Dessa forma, núcleos artísticos que optam por trabalhar juntos durante períodos de tempo maiores eventualmente se debruçam sobre a relação de sua pesquisa cênica com práticas pedagógicas.

Palavras-chave: Pedagogia do teatro; Processo colaborativo; Grupo XIX de Teatro.

Processo Colaborativo

Logo na introdução de sua tese, Antônio Araújo define *processo colaborativo* da seguinte maneira:

“A referida dinâmica – numa definição sucinta – se constitui num modo de criação em que cada um dos integrantes, a partir de suas funções artísticas específicas, tem espaço propositivo garantido. Além disso, ela não se estrutura sobre hierarquias rígidas, produzindo, ao final, uma obra cuja autoria é dividida por todos” (ARAÚJO, 2008:1).

Essa definição, portanto, apresenta um modelo erigido de forma distinta a outras duas maneiras de compreender a questão da autoria do espetáculo teatral:

1. Encenações nas quais o papel centralizador da direção é o ponto de partida da concepção cênica e assume a responsabilidade pela “unidade” artística da obra.
2. Encenações que se autodenominavam criação coletiva, que afirmavam a autoria coletiva como forma de combater os modelos convencionais de criação teatral e, ao mesmo tempo, questionar as relações de poder associadas ao modelo tradicional da construção da cena.

O Grupo XIX de Teatro e as Oficinas do Núcleo Colaborativo

O Grupo XIX de Teatro, sediado atualmente na Vila Maria Zélia, bairro da Zona Leste da cidade de São Paulo, realiza desde 2000 um projeto artístico que extrapola o campo da criação teatral e a ele incorpora outros campos do saber. No segundo semestre de 2000, reunidos inicialmente sob a temática das “relações de trabalho no século XIX”, que depois

desembocaria no tema da condição feminina do século XIX, os integrantes do Grupo XIX desenvolveriam as cenas iniciais que originariam seu primeiro espetáculo, *Hysteria*. O espetáculo seguinte, *Hygiene*, estreado em 2005, nasceu de um encontro: o da proposta de pesquisa do grupo sobre o ato de morar com o fato de o grupo passar a ter uma sede, na Vila Maria Zélia. O tema norteador do processo que resultou no segundo espetáculo do grupo foi a questão da moradia, da casa, do habitar. Nesse sentido, o espetáculo materializa a apropriação da própria sede e seu entorno pelo grupo.

O espetáculo mais recente do grupo, *Arrufos*, estreou no primeiro semestre de 2008. O ponto de partida da pesquisa que resultou na encenação foi o Amor, tema amplo e de aparente ingenuidade, mas que o grupo tratou de encarar como constructo social e histórico. Dessa forma, o trabalho desenvolvido não mais se apegou a uma época definida, pois o grupo optou por implodir a noção de tempo, mesclando situações atuais e contemporâneas a visões distintas do romance amoroso em outros momentos da história.

O que fica evidenciado ao longo do espetáculo é a dimensão íntima do tema, materializado em um espaço que evoca um quarto, com a plateia disposta em arquibancadas que configuram uma arena de quatro lados, como se fossem as paredes de um aposento. O espaço construído para o espetáculo é tão marcante e sua presença é tão significativa que o diretor de arte Renato Bolleli Rebouças recebeu o Prêmio Shell de Melhor Cenografia em 2008. O espetáculo se configura então por cenas que materializam as fontes híbridas que deram origem à dramaturgia (documentos, textos dramáticos, cartas, romances e histórias orais), num jogo que mescla distintos momentos que povoam nosso imaginário amoroso: o prazer da descoberta do amor, o cortejo e a conquista do amor, a paixão explosiva, a decepção amorosa e o luto pelo amor que acaba.

O processo no qual *Arrufos* foi concebido abarcou também, desde o início, a criação de Núcleos de Trabalho Colaborativo. Esse trabalho inicial aconteceu principalmente nos espaços da Oficina Cultural Oswald de Andrade, no bairro do Bom Retiro. Essas oficinas aconteceram paralelas ao processo de construção do espetáculo pelos artistas do Grupo XIX, de tal forma que elas foram concebidas como possibilidades de abertura a diálogos com outros artistas e interessados em contribuir com a pesquisa do grupo. Parte desse processo está documentado em um filme, dirigido por justamente um desses núcleos, que ficou responsável pelo registro das experiências.

“Qual o seu filme de amor preferido?” é o nome do documentário assinado por Paulo Celestino. No filme, que possui pouco mais de uma hora, somos apresentados aos distintos núcleos de trabalho coordenados pelos integrantes do Grupo XIX, ao mesmo tempo em que acompanhamos a reforma da sede do grupo e da construção do cenário de *Arrufos*.

Intercalado a isso, acompanhamos a análise do tema pesquisado feita por Julio Groppa Aquino, professor de Filosofia da Educação da USP.

Esse vídeo foi discutido semanalmente, enquanto durou a temporada do espetáculo, em sessões abertas, cujo público alvo eram os interessados em seguir questionando as propostas abordadas pelo espetáculo *Arrufos*.

No ano seguinte, em 2009, o grupo propôs cinco Núcleos de Pesquisa, ainda ligados ao universo abordado por *Arrufos*, mas que resultariam em processos autônomos. Isso os difere dos processos instaurados no ano anterior, pois estes se configuravam como várias pesquisas que resultaram em um espetáculo do Grupo XIX. Dessa vez, cada artista do Grupo XIX seria responsável por instaurar um processo que lhes instigasse artisticamente e construiria o resultado da forma que fizesse mais sentido para a pesquisa cênica realizada. Desses processos, resultaram quatro espetáculos que constituíram uma mostra, realizada na sede do Grupo XIX, no mês de dezembro do referido ano, do qual citaremos aqui apenas dois.

“Macondo” foi o resultado do núcleo O Ator Dramaturgo, coordenado por Ronaldo Serruya e Janaína Leite. Nessa oficina, os artistas envolvidos partiram do caudaloso romance *Cem Anos de Solidão*, de Gabriel Garcia Marquez, e construíram, no jogo com o espaço histórico da sede (um antigo armazém datado da segunda década do século passado), uma encenação que transitava entre a narração e a dramatização de situações abordadas pelo livro.

Apresentado à meia-noite, os integrantes construíram a encenação a partir de uma situação praticamente absurda, como estratégia para exibir os trechos do romance: uma peste de insônia assola uma comunidade que, diante da amnésia provocada pela falta de sono, decide recontar suas histórias à noite para preservar sua memória. O resultado desse núcleo, composto por 17 artistas, exhibe o interesse dos artistas do Grupo XIX acerca da dramaturgia composta em cena, no jogo com a cena, a partir de fontes variadas. Obviamente, perseguir possíveis resultados interessantes depende da instauração de um processo que define os rumos e as fronteiras que o espetáculo irá consolidar.

Já o núcleo Ator Criador, coordenado por Luiz Fernando Marques, diretor do Grupo XIX, apresentou a peça “Destinos”, de autoria de Paulo Emílio Salles Gomes. Essa peça, escrita e encenada em 1936, na própria Vila Maria Zélia, foi escrita enquanto seu autor esteve preso, por razões políticas, durante a ditadura Vargas. Nesse momento, a fábrica de juta em torno da qual a vila foi construída foi transformada em prisão especial. Ali, Paulo Emílio encenou este pequeno texto junto com seus companheiros de prisão.

Dessa forma, Marques, ao descobrir esse fato significativo, decide trabalhar a partir desse texto, agrupando 11 atores para reencenar um texto que ainda não havia sido remontado desde sua estreia restrita. O texto aborda de maneira simples a história de um grupo de amigos, que representam diferentes membros da sociedade paulistana da época, e os desdobramentos que as decisões tomadas por cada um têm sobre suas vidas. Assim, são personagens do texto o rico industrial que só pensa em aproveitar a vida, o operário que se envolve em situações grevistas e o estudante universitário. É interessante notar que o texto abarca temas altamente polêmicos, se levarmos em consideração a época e o local em que foram escritos, como homossexualismo e a condição das classes operárias.

O texto foi posto em cena a partir de um trabalho que se apropriou e ressignificou as ruínas do antigo colégio para meninas da Vila Maria Zélia. O interessante é que a encenação também propôs um jogo que se apropriou do número grande de atores em relação ao número de personagens: ao chegar à entrada, a plateia era convidada a decidir se acompanharia um ou outro grupo. Lá dentro, ela descobre que a mesma cena está sendo apresentada simultaneamente, em outro espaço, por outros atores, até que a peça se desenvolva e rume à conclusão, na qual os dois grupos se reúnem.

Cabe aqui uma constatação instigante: Luiz Fernando Marques nunca havia dirigido, até então, um espetáculo que partisse de um texto dramático pré-definido. Ou seja, ao mesmo tempo em que propôs o trabalho de pesquisa e jogo teatral que resultou na encenação de “Destinos”, ele mesmo vivenciava descobertas artísticas e de direção que eram compartilhadas com todo o grupo. Essa postura está presente, de forma mais ou menos evidente, em cada um dos núcleos colaborativos propostos pelos artistas do Grupo XIX. De forma significativa, eles procuram, com esse trabalho, instaurar reflexão e criação teatral a partir dos anseios artísticos que lhes movem como integrantes de um grupo que pesquisa elementos específicos a sua proposta estética e estão cientes do valor da experimentação para a qualidade do resultado artístico.

Também instauram processos que seguem os mesmos princípios e valores que norteiam seu próprio trabalho como grupo, explicitados nos moldes do já citado processo colaborativo, que professa a criação compartilhada e defende a autoria de cada artista em sua área específica de atuação.

Debruçar-se sobre estes exemplos nos aproxima de uma pedagogia do teatro ligada à criação artística. Isso nos obriga a refletir sobre a necessidade de ampliar contato entre a área de teatro-educação e grupos teatrais que criam parcela significativa das artes cênicas hoje, e que sentem necessidade de intervir artisticamente não só por meio da construção de

espetáculos, mas desejam conquistar cada vez mais o público interessado em aprender a fazer teatro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, A. "A Encenação no Coletivo: desterritorializações da função do diretor no processo colaborativo". Tese (doutorado) – ECA-USP, SP, 2008.

GRUPO XIX DE TEATRO. *Hysteria/Higiene*. São Paulo: Corprint, 2006.

GRUPO XIX DE TEATRO. *Hysteria* (Programa do Espetáculo). 2002.

GRUPO XIX DE TEATRO. *Arrufos* (Programa do Espetáculo). 2008.

GRUPO XIX DE TEATRO. Programa da Mostra de Processos. 2009.

KOUDELA, I.D. A Encenação Teatral Contemporânea como Prática Pedagógica. In: *Urdimento* – Revista do PPGT em Teatro da UDESC, n.10. Florianópolis, 2008.

MARQUES, Luiz Fernando. A Arte de contar histórias. In: GRUPO XIX DE TEATRO. *Hysteria/Higiene*. São Paulo: Corprint, 2006.

SANTOS, V. Claraboias pela cidade. In: GRUPO XIX DE TEATRO. *Hysteria/Higiene*. São Paulo: Corprint, 2006.